

O Sonho na Arte Indígena Contemporânea

RENATA AZEVEDO PERES¹; ÉDIO RANIERE DA SILVA²

¹*Universidade Federal de Pelotas – reapmailr@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – edioraniere@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa apresentada neste resumo é um fragmento de uma pesquisa maior que gerou um artigo intitulado “Arte Indígena Contemporânea: Conversações com a Filosofia da Diferença”. Nesse artigo apresentamos uma conversação agenciada a três regimes de enunciação: Uma Aesthesia Indígena¹, Os Ancestrais Animais² e o Sonho como Instituição. Por termos um número limitado de páginas optamos por apresentar aqui o terceiro ponto, sobre o Sonho como Instituição.

A partir do conceito de Arte Indígena Contemporânea proposto pelo artista Macuxi Jaider Esbell (2016, 2018a, 2018b), e sustentada por outros artistas indígenas como Daiara Tukano e Gustavo Caboco, nos colocamos diante da questão de pensar como o sonho é um elemento que está o tempo agenciando a criação artística, visto que segundo Kopenawa “Essa é a nossa escola, onde aprendemos as coisas de verdade” (2015, P.77).

A emergência dessa pesquisa encontra meu corpo de estudante de psicologia quando escuto a frase “mas o que isso significa?”. A pergunta além de nos remeter aos postulados freudianos sobre os sonhos, coloca meu corpo em uma determinada posição que me convoca, muitas vezes, a encontrar um significado para essa experiência onírica que me foi narrada, pois meu corpo é colocado na posição de Freud quando ele nos oferece o sonho pensado como a “(...) estrada real para o inconsciente” (FREUD, 1972, p.87). Desse modo, buscamos compreender em quais espaços os corpos de psicólogos habitam quando encontram tais imagens que deslocam nosso conhecimento colonialista.

Essa pesquisa só foi possível pelo incentivo da bolsa de iniciação científica CNPq/UFPEL.

2. METODOLOGIA

O método encontra suas raízes em Nietzsche, um dos filósofos que em toda a sua obra explorou minuciosamente o conceito de verdade. Segundo Deleuze (2018), Nietzsche emprega o método da dramatização para essa exploração. O método da dramatização se manifesta ao conceber o conceito de Potência de

¹onde se evidencia a relação dos povos originários com uma estética distinta daquela que é narrada pela história da arte.

² onde são os animais que ensinam, onde o rio é tão vivo quanto os peixes e a montanha é tão viva quanto às sementes.

Vontade de Nietzsche, o qual desloca o desejo do sujeito para as forças ativas e reativas.

Para Deleuze, a filologia ativa de Nietzsche é regida por um princípio fundamental: “uma palavra só quer dizer alguma coisa na medida em que aquele que a diz quer alguma coisa ao dizê-la” (DELEUZE, 2018).

O método da dramatização, então, emerge como uma ferramenta valiosa para mapear as várias vontades entrelaçadas em Freud e outros pensadores da psicologia, ao buscar desvendar a verdade do sujeito através da análise das narrativas dos sonhos. Dessa forma, o método agenciado ao problema de pesquisa se apresenta na seguinte fórmula: “o que quer em Freud encontrar a verdade científica do sonho?”

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em 1900, Sigmund Freud lançou o livro “*A Interpretação dos Sonhos*”, um marco que deu origem a uma metapsicologia amplamente reconhecida: a psicanálise. De acordo com o psiquiatra austríaco, todo o conteúdo dos sonhos gerado durante o sono está ligado aos desejos do indivíduo. As imagens que chamamos de sonhos representariam, em essência, nossos desejos – frequentemente suprimidos – que são encenados de forma condensada e deslocada. O sonho, assim, emergiria como um mecanismo pelo qual o inconsciente lida com repressões sofridas e busca realizar, de certa forma, desejos não realizados enquanto estamos acordados.

Nessa perspectiva, a ideia de interioridade, que a psicologia moderna delineou, e inicialmente desafiada por Freud, ressurge em um nível mais complexo. O eu deixa de ser o senhor absoluto de sua própria mente; quem assume o papel de colonizador é o inconsciente. E dentro dessa mesma linha de raciocínio, o sonho é considerado a “estrada real para o inconsciente” (FREUD, 1972, p.87).

Porém quando Ailton Krenak (2019, 2020) nos mostra o sonho na cosmologia Krenak, o sonho emerge como instituição que carrega consigo duas posições-verbos: ensinar e compartilhar. Nessa perspectiva o sonho é concebido como um espaço onde adquirimos conhecimento. Em certa medida, seria pensar uma espécie de escola onírica onde podemos aprender em comunidade: um espaço em que todos podem contar seus sonhos e assim constituir um modo de guiar sua vida.

Nesse contexto, o indivíduo não se apresenta como o criador das imagens, mas sim como aquele que extraí aprendizado delas e, posteriormente, pode disseminar essas experiências de aprendizado.

Essas imagens que se manifestam no tempo do sonho estão em certa medida em um tempo, tempo esse que precede aqueles que a recebem, se alojando então fora do sonhador. Podemos pensar então na seguinte questão: se desvinculada de seu criador, até que ponto a imagem continuaria a ser sonhada, gerada e elaborada de maneira individual por alguém?

4. CONCLUSÕES

Há uma compreensão profundamente outra nas imagens oníricas dos povos originários brasileiros. De acordo com Davi Kopenawa, “os brancos não sonham tão longe quanto nós. Dormem muito, mas só sonham com eles mesmos” (2015, p.390) Entretanto, se os povos originários não sonham com eles mesmos, como na psicanálise, então, afinal, com que conteúdo sonharia?

Sonham com os outros, ou conforme a descrição de Hanna Limulja (2022), sonham com os desejos dos outros. Isso ocorre porque “(...) o sonho é fruto de um sentimento que vem do outro, seja esse outro um morto ou um parente ausente temporariamente. O objeto do sonho é o sujeito do sentimento, e quem sonha acorda no mesmo estado daquele que desencadeou o sonho: a pessoa acorda *xuhurumu*, triste; e fica *pihi*, com saudade”. (Limulja, 2022, p.110)

Colocando novamente a questão, se as imagens que emergem em nossos sonhos são forjadas pelo desejo dos outros, surge a possibilidade de considerar a noção de uma imagem que sonha. Em outras palavras, ao examinarmos o sonho como uma instituição, estaríamos reconhecendo o sonho como composto pelas *utupês*, ou seja, pelas próprias imagens?

Entretanto, se considerarmos que é a própria imagem que sonha, em vez do sujeito e/ou do seu inconsciente, isso poderia levar a uma reavaliação do espaço designado à imagem como representação dentro do pensamento ocidental, desde Platão até os tempos contemporâneos. Poderíamos, talvez, começar a enxergar as imagens não mais como “(...) uma representação de objeto, mas um movimento no mundo do espírito. A imagem é a vida espiritual.” (Deleuze, 2010, p.101).

Nesse sentido, a Arte Indígena Contemporânea nos auxiliaria a compreender a imagem como “(...) um ser, uma coisa, não uma cópia, ou uma representação no sentido de um ato psicológico ou físico. A imagem não está no interior do cérebro. Ela não está dentro da cabeça, é justamente o contrário, ‘é o cérebro que é uma imagem entre outras’.” (Sauvagnargues, 2005, p.73. trad. nossa).

Ou seja, a arte indígena contemporânea nos presenteia com a concepção de que quem sonha, e então aquele que cria, só o faz por estar precedido pelas imagens que o constituí.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução: Luiz Orlandi. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

ESBELL, Jaider. Índios: identidades, artes, mídias e conjunturas. *Revista Em Tese*, Belo Horizonte, v.22, n.2, p.11-19, maio/ago, 2016.

_____. Makunaima, o meu avô em mim! Revista Iluminuras, Porto Alegre, v. 19, n. 46, p. 11-39, jan/jul, 2018a.

_____. Arte indígena contemporânea e o grande mundo. Revista Select, São Paulo, Vol. 7 Nº. 39, Junho/Julho/ Agosto 2018b.

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos. In: *Edição standard brasileira*. Rio de Janeiro, Imago: 1972

KOPENAWA, David e ALBERT, Bruce. A Queda do Céu: palavras de um xamã yanomami. Trad. Beatriz Perrone, São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. A Vida Não É Útil. São Paulo: Companhia das Letras, 2020

SAUVAGNARGUES, Anne. Deleuze et l'art. Presses Universitaires de France, 2005.

_____. Somos nada mais que imagens entrevista com Anne Sauvagnargues. [Entrevista concedida a] Édio Raniere. Rev. Polis e Psique, v.10, n.1, p. 6-29, 2020.